

PALESTRA



“Outros lugares, começam aqui...” com O “muro vegetal” do Museu do Cais Branly em Paris⁽¹⁾

ISABELLE GUILLAUC⁽²⁾

RESUMO

Este artigo é dedicado à arte, à arquitetura e à paisagem urbana através da análise do Museu do Cais Branly, em Paris, na margem esquerda do rio Sena, em um ambiente urbano marcado pelas exposições mundiais de 1889 e de 1937, (Champs de Mars, Trocadero, o Palais de Tokyo, o Grand Palace, Gare d’Orsay, etc.). Um dos indiscutíveis marcos dessa paisagem urbana é a Torre de Gustave Eiffel (1889), embora tenha sido necessário esperar a criação da série de pinturas de Robert Delaunay, para se fixar na imaginação parisiense a Torre Eiffel como monumento. Assim, uma vez que a arte pode servir de intérprete para mostrar um monumento, - eu faço o seguinte pressuposto: que a arte pode inversamente influenciar uma obra urbana, não só avalizando, mas desta vez em frente de sua criação. Branly é o caso em que a arte contemporânea (Novo Realismo, Arte Povera, etc), tem influenciado algumas diretrizes arquitetônicas. Isso introduz a seguinte observação, ou seja, que as coleções do museu Branly não “dialogam” somente entre si, mas também com as do Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris que se localizam em frente a essa última. Neste contexto, a fachada do escritório administrativo do Museu, “vestida” pelo artista e naturalista francês Patrick Blanc, não pode ser vista como uma obra isolada, porque o “Muro Vegetal” é aqui uma parte do cenário urbano global destinado a criar um território que é uma passagem ou um “caminho que vai de um mundo para outros mundos”. “Terra natal, outros lugares começam aqui...” - é o título da exposição realizada na Fundação Cartier, em Paris (2009), onde o filósofo Paul Virilio apresentou o seu conceito de “futurismo do instante”, o que poderia ajudar a explicar a proliferação atual de muros vegetais em áreas urbanas.

Palavras-chave: arte, arquitetura, paisagens urbanas

RÉSUMÉ

« Ailleurs, commence ici..... » Avec Le «mur végétal» du Musée du quai Branly à Paris

Cet article est consacré à l’art, l’architecture et le paysage urbain à travers l’analyse du musée du quai Branly, situé à Paris, sur la rive gauche de la Seine ; dans un environnement urbain marqué par les expositions universelles de 1889 à 1937, (Champs de Mars, Trocadéro, Palais de Tokyo, Grand Palais, Gare d’Orsay, etc.). L’un des marqueurs incontestés de ce paysage urbain est la Tour de Gustave Eiffel, (1889), bien qu’il ait fallu attendre la série des tableaux peints par Robert Delaunay, pour fixer ce monument dans l’imaginaire parisien. Ainsi puisque l’art peut servir de truchement pour révéler un monument, - je formule l’hypothèse suivante, à savoir que l’art peut inversement influencer un ouvrage urbain, non plus en aval, mais cette fois en amont de sa création. C’est le cas à Branly où l’art contemporain ; (Nouveau réalisme, Arte povera, etc), a influencé certaines orientations architecturales. Ceci introduit l’observation suivante, à savoir que les collections du musée Branly ne « dialoguent » pas uniquement entre elles, mais aussi avec celles du musée d’art moderne de la ville de Paris qui leurs font face. Dans ce contexte; la façade des bureaux administratifs du musée, « habillée » par l’artiste et naturaliste français Patrick Blanc, ne peut être perçue comme une œuvre isolée, étant donné que le « Mur Végétal » fait ici partie d’un scénario urbain global destiné à créer un territoire qui soit un passage ou «un chemin qui va d’un monde vers d’autres mondes”. « Terre natale, Ailleurs commence ici..... » - est le titre de l’exposition qui s’est tenue à la Fondation Cartier de Paris, (2009), où le philosophe Paul Virilio a présenté sa notion de « Futurisme de l’instant », qui pourrait servir à expliquer la prolifération actuelle des murs végétaux en milieux urbains.

Mots clés: art, architecture, paysages urbains

ABSTRACT

“Somewhere else starts here” With The «Vegetal Wall» of the quay Branly museum from Paris

This article is devoted to art, architecture and the urban landscape through the analysis of the quay Branly museum, located in Paris, on the left bank of the Seine: in an urban environment landmarked by the World Exhibitions from 1889 to 1937, (Champ de Mars, Trocadéro, Palais de Tokyo, Grand Palais, Orsay- a former train station, etc). One of the uncontested land markers of this urban landscape is the Gustave Eiffel Tower, (1889), even if we did need the series of canvases made by the painter Robert Delaunay to fix it into the Parisian imagination. Understanding that art can be used as medium to reveal a monument, - I formulate the following assumption, that art can conversely influence, either downstream, but this time, upstream of its creation. This is the case of the Branly museum, where contemporary art; (*New realism, Arte povera*, etc), has influenced certain architectural orientations. This introduces the following

⁽¹⁾Traduzido do original em francês por João Maurício Cavalcante Alves

⁽²⁾Isabelle GUILLAUC Architecte (DPLG 1991).Diplômée de l’Ecole d’Horticulture Du Breuil, (1979), iguillauc@gmail.com. +330685697132. 15 Bl. De Strasbourg, 75010 Paris, France.

observation that the collections of the Quai Branly Museum not only dialog with each others, but also with those sheltering inside the Modern Art Museum of Paris, *situated* on the opposite bank of the River. In this context; the façade of the office building of the QBM "draped" by the French artist and naturalist Patrick Blanc, cannot be perceived as an isolated peace of work, because the «Vegetal Wall» is, in this case, a part of a global urban scenario intended to create a territory which is a passage or a "path which goes from one world towards other worlds". "Native land, Somewhere else starts here" - is the title of the Cartier Foundation exhibition in Paris, presented in 2009, where the philosopher Paul Virilio exposed his concept of "Futurism of the instant", which may help explain the current vegetal wall's proliferation into urban environments.

Keywords: art, architecture, urban landscapes

Vista da Torre Eiffel (em visita ao Google), o panorama se abre ao norte na Colina de Chaillot onde estão reunidos vários museus, incluindo: a Cidade da Arquitetura e do Patrimônio (Palais de Chaillot), o Museu Arte Moderna da cidade de Paris (Palais de Tokyo), e o Museu do Cais Branly, desenhado por Jean Nouvel. Este último é composto por vários edifícios distintos que parecem ser enxertados, como dedos, aos paralelepípedos de Haussmann da Avenida Bourdonnais. Um deles

se estende excessivamente na direção da Ponte de Alma: se trata da galeria onde as coleções são reagrupadas, fundos do Museu do Homem e do Museu Nacional de Artes da África e da Oceania. A Passarela Debilly construída para a Exposição Universal de 1900, é o hífen entre "arte selvagem" (exposta ao Branly), tão apreciada pelo poeta surrealista André Breton (1896-1966), e a arte contemporânea (exibida no Palácio de Tokyo).



A originalidade da concepção do Museu Branly é ter feito da cidade o lugar privilegiado do encontro das artes «primitivas» com a «arte moderna», um lugar onde esquecer as dicotomias habituais, tais como discriminações entre primitivo e civilizado, racional e irracional, o útil e o inútil... *Nadja* (1928), a obra autobiográfica de André Breton (1896-1966), é uma ilustração perfeita dessa forma poética de encontro na cidade, já anunciada por Baudelaire (1821-1867), em *A uma transeunte* (Quadros parisienses, "As Flores do Mal", 1857), ou Apollinaire (1880-1918), em *Alcoóis*, (1913).

Essas referências artísticas e literárias formam graus na abordagem contextual do Museu do Cais Branly. A primeira dessas etapas é marcada pela Torre Eiffel, o principal símbolo desse território carregado do imaginário por ter sido há muito tempo dedicado às Exposições Universais. O Palácio de Tóquio, primeiro a ser construído para a Exposição de Artes e Tecnologias de 1937, e tornou-se o Museu de Arte Moderna da cidade de Paris. "O orfismo" das pinturas de Delaunay (Apollinaire, G., Orfeu, 1908), encontra refúgio (A Equipe de Cardiff. Terceira

Representação. 1912-1913). Finalmente, não se pode evocar André Breton (poeta da cidade) sem pensar em Jacques Kerchache, autor do manifesto: "As obras-primas do mundo inteiro nascem livres e iguais", (1990), elaborado para a oitava seção do Museu do Louvre dedicada às artes da África, Ásia, Oceania e Américas. Em 1996 Jacques Kerchache foi nomeado pelo Presidente da República, Jacques Chirac, para a Comissão de Prefiguração do estabelecimento público do futuro Museu do Cais Branly.

Em 1960, J. Kerchache abriu uma galeria em Paris, na rua des Beaux-Arts, em seguida, uma outra na rua Seine que durou até 1981. Nessas galerias ele expunha tanto os artistas contemporâneos (Malaval, Pol Bury, Sam Szafran ...) como da arte "primitiva" *Arte primitiva da América do Norte* (1965), *Rio Sepik - Nova Guiné* (1967), *O Lobi* (1974), etc. Durante este período, J. Kerchache conheceu André Breton, que exercem sobre sua concepção artística uma influência considerável³.

Dado que a arte moderna está intrinsecamente ligada às "artes primeiras", a abordagem sensível da arquitetura do Museu

³ www.quaibrantly.fr, biographie de Jacques Kerchache

Branly cava o sulco paralelo artístico, através do “Novo Realismo” (1960), de Pierre Restany (crítico de arte francês, 1930-2003), e “Arte Povera” Note-se que a museografia dos objetos expostos no cais Branly não será discutida, apesar de sua arquitetura e inserção paisagística tenham sido pensados em função das coleções. Assim, a magia dos “objetos selvagens” mantém todo o seu mistério. 3000 000 objetos estão bem escondidos da visão pública, enquanto parte desta coleção está abrigada no museu, onde a atmosfera poética fica ao lado de símbolos da floresta e do esquecimento, tão valorizada por René Magritte (1898-1967, “Eu não vejo a [mulher] escondida na floresta”, 1929), e Max Ernst (1891-1976, “A Floresta”, 1927). O percurso dentro do museu é distribuído por um eixo principal, “A subida do rio” ou “Serpente”, do qual partem as áreas de exposições diversas. O rio interior faz ecos ao

Sena. E desde que a parede verde de Patrick Blanc está localizada na borda do Museu do Cais Branly, é justamente nessa fronteira, entre o rio Sena e o museu, que este estudo vai continuar.

A FÁBRICA DE OUTRO LUGAR

Origens do sítio: Ilha dos Cisnes. Os restos de canoas que foram encontrados fugiram para a localização atual do prédio administrativo do museu (cuja fachada é decorada com o “muro verde”, de Patrick Blanc), têm gerado muita curiosidade. A “Ilha dos Cisnes”, onde a curva bonita foi anexada à costa, destruindo a memória de um antigo braço do Sena, outrora estiveram neste local.



Isso explica a curvatura do cais e, ao mesmo tempo o tapume de vidro que dilui a barreira realmente formada pela passagem de duas vias localizadas entre o Sena e o jardim do museu. Esse tapume (200 m de comprimento e 12 metros de altura), assim chamado porque ele serve principalmente para afixar, é transparente. Esta transparência não é acidental, pois a presença de anúncios que são gravados, juntamente com cartazes anunciando exposições temporárias, ao contrário o reforça. O tapume em si é imaterial. O efeito reserva algumas surpresas quando em determinados momentos do dia, (e dependendo da época), as sombras das árvores plantadas nas margens da estrada estão refletidas no Cais Branly. A sombra da sua folhagem, portanto, não apenas se “imprime” sobre as janelas da tela, mas também na fachada colorida de salas que estão saindo da grande galeria de exposições. O vento agita as folhas reais e das suas sombras projetadas através de uma sucessão de planos que dão a essa profundidade de campos muito excepcional em todo o edifício. Mas o artifício não pára por aí. Na verdade, entre o tapume de vidro e a fachada das coleções se encontra um jardim, uma floresta, concebido por Gilles Clément, que por sua vez filtra, colore e vai embora com um pouco com a vegetação em levitação. Finalmente, a fachada da Grande

Galeria em si, composta de uma rede de marcenaria cruzada em losangos, é também aproveitada. Mas as janelas são equipadas com um filme impresso que protege as exposições dos raios de luz direta. Essa proteção foi a oportunidade de criar um grande mural vegetal feito por designers do Atelier Jean Nouvel a partir de fotos feitas por Patrick Blanc em suas expedições em florestas. A disposição dessas fotografias corresponde mais ou menos, a distribuição das áreas geográficas das exposições no interior do museu. O interior é banhado por uma atmosfera peculiar das florestas, na qual, na medida em que o zoom da profundidade arquitetural permite, aparece uma obra da coleção de André Breton (Estatueta antropomórfica, Ilhas Nicobar, na Ásia, madeira entalhada e pintada. 63 x 37,5 x 41,5 centímetros, 70.2003.9.1, antiga coleção de André Breton).

Esta desmaterialização dos limites e gabaritos leva a Yves Klein, que desenvolveu a sua arquitetura do ar com a cumplicidade do arquiteto francês Claude Parent. Jean Nouvel começou sua carreira como arquiteto de Parent. Esperemos que este tema constante da desmaterialização da arquitetura de Jean Nouvel não seja estranho para este reencontro da arte com a arquitetura.



E do interior do museu, os visitantes sempre vêm a Torre Eiffel

O MURO VEGETAL DO CAIS BRANLY

Desde que Patrick Blanc completou sua primeira obra, ou seja, a transformação de um apartamento em mata virgem, instalando samambaias no teto (1978), seus talentos artísticos e científicos têm sido reconhecidos internacionalmente¹. O muro vegetal do Cais Branly é uma das suas muitas criações. O “Muro”, neste caso, foi concebido como uma pele dupla, independente da fachada, que tem a seu próprio fechamento ao ar e a água. A diferença entre a fachada propriamente dita e a estrutura real da parede de suporte, “proporciona isolamento superior contra o frio no inverno e contra o calor no verão, e protege a fachada de intempéries e da poluição, criando um espaço intransponível para as raízes”. Duas camadas de feltro de poliamida, pendurados em placas de PVC expandido foram fixados em uma armação de metal. As raízes das plantas cres-

cem sobre a camada de feltro. As paredes exteriores, “além das realizadas nos trópicos, são projetadas com espécies adaptadas a cada clima e cada orientação, assim de espécies de clima temperado, crescendo sobre as erosões, em buracos, perto de cascatas e ainda sobre as pedras florestais (principalmente em regiões temperadas da Ásia: Japão, Coréia, China, Himalaia e montanhas da Europa e América do Norte, incluindo os montes Apalaches)”.

O trabalho naturalista de Patrick Blanc é, no Cais Branly, resultado de uma idéia original desenvolvida por Jean Nouvel, em referência ao artista italiano da Arte Povera (1960), Luciano Fabro (1936-2007). O trabalho em questão consiste de uma placa de chumbo (o que lembra a cor dos telhados de zinco de Paris ou de feltro cinza que serve de suporte aos vegetais do muro verde das plantas), sobre a qual são fixados os caules e folhas ouro hera. Luciano Fabro. *Edera*, 1969, chumbo, hera, vidro.



O Futurismo do instante (VIRILIO, 2009) refere-se ao manifesto do futurismo escrito por Filippo Tommaso Marinetti e publicado no *Le Figaro* em 20 de fevereiro de 1909. O futurismo é fascinado pela velocidade. No início do século XX, este fascínio se manifestou na pintura, por representações adquiridas no continuum da geofísica que surgiram através das visões distorcidas simultâneas das interioridades urbanas (dos apartamentos privados) e externalidades públicas (a rua, a cidade), sugados nos vórtices ociosos, ou vórtices, impulsionadas pelo movimento. Estas distorções geravam novos pontos de vista e novos enquadramentos para a cidade, a partir dos quais foram se forjando novos comportamentos sociais. (cf.

Boccioni, U. *La strada entra nella casa, e Visioni simultanee*, 1911).

Perguntei-me então se a fachada verde de Patrick Blanc tinha algo a ver com esses dois manifestos, especialmente com os novos conceitos de mobilidade delineado por Virilio (cf. « *L'outre-ville* », *Futurisme de l'instant*), - isto porque a expansão urbana, o que hoje requer deslocamentos significativos, será suplantada no futuro, sobre a urbanização das cidades, exigindo que o ambiente é que “se move” e não o inverso (a cidade). Com esse excesso de urbanização crescente, a natureza urbana, em última análise não terá mais do que paredes (ou telhados, varandas, etc.) para crescer sem

Patrick Blanc est "Docteur en sciences" et Chercheur au CNRS, spécialiste dans l'acclimatation des plantes tropicales. Le Mur végétal : Patrick Blanc 1988 Brevet N° 8810705. "Système de culture sans sol sur surface verticale".www. Murvegetalpatrickblanc.com.

concorrer com a ocupação do solo pelas construções. E é à luz dessas mudanças que Paul Virilio construiu o argumento de que o ambiente está em movimento: “Em outros lugares, começa aqui...” Com o “muro verde” do Museu do Cais Branly de Patrick Blanc, que introduziu a floresta tropical no coração de Paris...

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BLANC, P., **Mur végétal, de la nature à la ville**, préface de Jean Nouvel, Michel Lafont, France, 2008. **Être plante à l'ombre des forêts tropicales**, Nathan, 2002.
- BRETON, A., **Manifestes du surréalisme**. Collection Folio essais (No 5) (1985), Gallimard. *Nadja* [1928]. Édition entièrement revue en 1963, Paris, Gallimard.
- CELANT, G., **Penone**, Electra, L&M Durand-Dessert, Milan, 1989.
- GUILLAUC, I., **Tijuca: A Floresta Obra de Arte do Rio de Janeiro. A atualidade da obra de Glaziou**. In: Catalogo da exposição no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Brasil: Glaziou e os jardins sinuosos, Anna Paula MARTINS, Dantes Editora, Nov. de 2009. Tabela a partir de Leituras Paisagísticas N°2 organizada por Carlos Terr, Jeanne Trindade e Rubens de Andrade, Set. de 2009, RJ.
- HOMMAGE A MAX ERNST, imprimé à Milan, **Cahiers d'art du XXe siècle**, Paris, 1971.
- KERCHACHE, J., **Nature démiurge**, catalogue de l'exposition *Etre nature*, Fondation Cartier, Paris, (1998), Texte repris dans *Nature démiurge*, Actes Sud, 1999, et dans le catalogue *La Beauté*, dans le cadre de l'exposition *La nature à l'œuvre*, 2000.
- LAMBERTINI, A. CIAMPI, M. **Jardins verticaux dans le monde entier**, introduction de Jacques Leenhardt, “Métamorphoses urbaines. Le mur végétal du musée du quai Branly”, Jean Nouvel, Patrick Blanc, Citadelles et Mazenod, 2007.
- LE FUTURISME A PARIS, une avant-garde explosive. Sous la direction de Didier Ottinger. Exposition à Paris du 15 oct. 2008 au 26 janv. 2009. Centre Pompidou, Paris et les 5 Continents, Milan 2008.
- RESTANY, P. **Manifeste des Nouveaux Réalistes**, rééd. : Éditions Dilecta, Paris, 2007.
- VAQUIN J-B. (ouvrage collectif sous la direction de), **Atlas de la nature à Paris**, introduction de Le Dantec J-P, Le passage et Atelier parisien d'urbanisme, Paris, 2006.
- VIRILIO P. **Le Futurisme de l'Instant, Stop-Eject**, Galilée, France, 2009.